



TAXA PAGA
PORTUGAL
CONTRATO: 536425

PUBLICAÇÕES
PERIÓDICAS
AUTORIZADO A CIRCULAR
EM INVÓLCULO FECHADO
DE PLÁSTICO OU PAPEL
PODE ABRIR-SE PARA
VERIFICAÇÃO POSTAL
DE04912011GRC



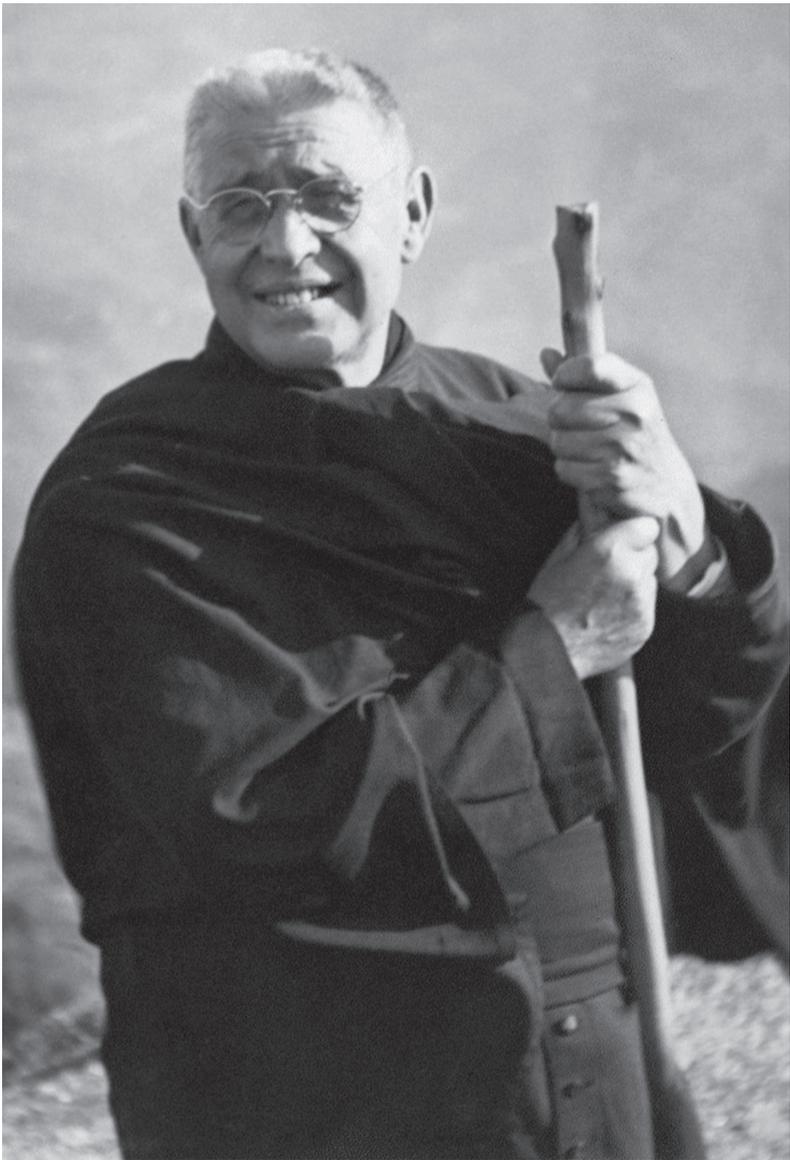
Gaiato

Quinzenário • 12 de Janeiro de 2013 • Ano LXIX • N.º 1796 • Preço: 0,33 € (IVA incluído)

Fundador: Padre Américo
Propriedade da OBRA DA RUA ou OBRA DO PADRE AMÉRICO

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

Director: Padre Júlio
Director-Adjunto: Américo M. S. Carvalho Mendes



DA NOSSA VIDA

Padre Júlio

SE não temos dúvidas sobre o caminho por que andamos, também não as temos acerca daqueles com quem caminhamos. Os exemplos de vida de tantos dos nossos Amigos que se aliam à nossa, são abraços que nos dão e forças que nos puxam para cima, opondo-se às que teimam em querer tolher os nossos passos.

Entre muitas, escolhi esta carta de uma Amiga de avançada idade, avó, mãe de três filhos «todos casados e com cursos superiores».

A sua infância e adolescência foram temperadas numa vida dura: «Fui muito pobre e sei o que é passar fome e ir descalça para a escola. Fui servir o campo com 9 anos até aos 20». Não se queixa, antes agradece: «Deus tem sido meu amigo».

A sua pobreza não lhe tirou a dignidade, mas olhou em frente e «graças ao meu Deus vivo bem, graças também ao meu trabalho e ser organizada. Não tenho muita instrução mas sei ocupar o meu lugar».

Agora, viúva, vive sozinha em casa própria, «mas dois netos e um filho vêm todos os dias almoçar comigo».

Esta mulher de coração agradecido – «tenho saúde e sou feliz» – aprendeu a amar nas lutas e trabalhos da vida e por isso «gosto de dar sempre que posso, são muitos a pedir ajuda e não podemos dizer que não». O segredo está na vontade pois «quando nós queremos sabemos ser gente de bem».

A amizade que nos tem é uma graça para nós, que nunca há-de acabar: «Sou vossa amiga nunca os hei-de esquecer, só quando for para junto do meu Senhor nosso Pai que vela por nós».

Começamos um novo ano contando as armas

infalíveis para o combate da vida. Se pudermos vir a dizer «Deus tem sido meu amigo» em todas as circunstâncias, e se ocuparmos o nosso lugar com trabalho e organização, passaremos com distinção as provas a que a vida nos submete.

O nosso Jornal

São muitos os Amigos que durante várias décadas transportaram em seu coração a chama que Pai Américo neles ateou, e que ao verem chegar os seus últimos dias, não a querem deixar apagar, transmitindo-a a outros.

«É com desgosto e dores que me vejo obrigado a pedir desistência da assinatura de tão desejado Jornal, que todo ele é uma oração.»

Nesta fase da sua vida, diz-nos este nosso Amigo: «Continuarei a oferecer o meu sofrimento e orações para que se candidatem mais assinantes», pois «felicidades são todos os que passam pelo mundo e podem imitar o nosso santo Padre Américo de saudosa memória».

Outra Amiga não vem desistir mas confirmar a assinatura: «Mando cheque para pagar a anuidade do vosso Jornal O GAIATO, que gosto muito de ler. Já tenho 82 anos, mas quando chega o jornal, a primeira coisa que faço é lê-lo».

Outra assídua Leitora revela-nos a sua juventude de alma no diálogo que teve com um seu bisneto. «Há tempos perguntou-me: Ó Bis, tu quantos anos tens? – Já tenho 95! Ah!, diz ele, então já estás perto de morrer?! Achei imensa graça. Acho que as crianças são o melhor do mundo.» □

Estatuto Editorial d'O GAIATO

Para darmos cumprimento ao preceituado na Lei de Imprensa, efectuamos a publicação anual do Estatuto Editorial d'O GAIATO:

1. O GAIATO nasceu da fome e sede de Justiça que consumiu o seu Fundador — paixão que ele mitigou, contagiando muitos de idêntica fome e sede. Assim, deixou expressa a sua vontade relativamente ao mote e ao modo de o comunicar.

2. «O século de agora anda esquecido. Os Pobres constituem encargo indesejável. Ora Deus quer que pela nossa oração e acção se indique ao mundo o caminho da Verdade.»

3. «Pela força e crédito dos seus escritos, defendam os direitos e levem os homens a reconhecer e a respeitar o Pobre.»

4. «Aquele a quem Nosso Senhor deu o talento de escrever, escreva como quem reza. Prepare-se como quem vai falar de Deus. Só desta forma corresponde e faz valer o dom.»

5. «No seu periódico O GAIATO e em outras edições, não peçam nem aceitem propostas de anúncios sobre assuntos do século. Todo o espaço e todo o tempo é pouco para revelar Cristo às almas.»

6. «Também não aceitem colaboração de estranhos, ainda que homens de saber e de virtude. Dê-se, sim, preferência ao Rapaz, que por isso se educa e revela, fazendo bem às almas dos que lerem.»

7. «Não sejam solícitos em pôr a preço os jornais ou edições que saem dos nossos prelos. É melhor deixar tudo à generosidade espontânea de cada um.»

8. Tal se procura cumprir na «fragilidade das nossas misérias».

9. Acrescentamos ainda o compromisso de se «respeitar os princípios deontológicos da Imprensa e a ética profissional (...), e não abusar da boa fé dos leitores, encobrindo ou deturpando a informação».

MOÇAMBIQUE

Padre Zé Maria

NESTE dia, pelo mundo fora se celebra a passagem do ano com fogo de artifício. Tão fátuo como a grandeza da vida: sobe ao mais alto, brilha em variadas cores como as cambiantes das vidas do mundo e apaga-se. Ao fim parece que o escuro da noite fica mais escuro. Ele resume o sentido da vida neste mundo, que noite em noite se prolonga e afunda numas trevas sem sentido, apesar de ser motivo para uns vagos desejos de bom ano novo. Há só uma Luz verdadeira, e essa também resplandece nas trevas, mas as trevas não a aprendem. Não é pessimismo. Jesus lamentou os judeus a quem quis aconchegar a Si, como a galinha faz aos pintainhos debaixo das asas, mas eles não quiseram, nem querem. «Dias virão em que não ficará de ti pedra sobre pedra». Se isto, das obras humanas, que será dos seres humanos a quem criou à Sua imagem e para Si?

Este ano que acaba, fica para a história de nossa Casa. Chegámos ao cimo de um autêntico calvário. As inúmeras dívidas foram pagas, embora até ao início do ano lectivo tenhamos muitas compras a fazer com o conserto dos cinco machimbombos escolares. O primeiro, mais velhinho, já de 15 anos, anda de cara torta, por causa de um acidente. Os outros quatro têm muito desgaste e ainda restam treze meses mais juros ao Banco a quem solicitámos o perdão, pois já pagámos mais do que custaram. Os Bancos são terríveis. Acorrentam o dinheiro para incubar mais dinheiro e as pessoas que o gerem acabam por não ter sensibilidade, mesmo que para promoção escolar de crianças de um País em que se diz que o futuro está nelas, mas com que sacrifício das mesmas ou de quem delas cuida. Parece tudo uma cantiga de propaganda. Porque, se para investimentos

exteriores juros baixos e isenções fiscais e exorbitantes — para o mais necessário e verdadeiro? Até a verdade se compra.

Deus não nos deixou afundar. Humanamente teríamos muitas razões para virar costas e mandar todos os Rapazes para acolhimentos alternativos, como conseguimos fazer nesta quadra do ano, embora sobrecarregando pessoas amigas que os acomodaram com os filhos, outros voltando à casa da avó que não tem as mínimas condições, como milhões delas. O Bongani e o irmão, por sinal, para uma fazenda de quem mais tem. Ou o Dércio que o pai levou e logo na rua arranhou boleia para cá e finalmente foi ver o avó que mora para os confins de Gaza.

Chegamos portanto ao fim do ano, de joelhos dobrados pelo peso da vida, mas de coração palpitante de alegria e acção de graças por tantos amigos generosos que nos deram a mão. □

Pelas CASAS DO GAIATO

MOÇAMBIQUE

Félix Luís

O nosso Natal foi cheio de alegria. Os manos mais velhos aproveitaram para voltar à nossa família, alguns com esposas e filhos. A Missa foi às 22 horas e a Ceia recheadas de muito carinho, pois este ano tivemos até um grande bolo oferecido pelos funcionários do Hotel Polana.

Para nós o fim do ano é um momento de conviver com familiares, amigos, padrinhos e colegas de Escola. Precisamos sentir o ambiente de uma família mais pequena e viver outras experiências. Desta vez a Casa ficou limpa e arrumada! Vamos passar 15 dias fora. Os manos Geraldo e Justino vão cuidar dos animais e da Casa.

Finalmente saíram os resultados dos exames finais da 10ª Classe. Dos 8 manos que a frequentaram, 6 conseguiram passar. Um já está admitido no Instituto de Saúde. Agora resta muito trabalho pela frente pois não tem sido fácil enfrentar a vida fora da nossa Casa.

Nesta quadra festiva, recebemos muitos convites para apresentar os nossos grupos de dança. Durante o ano, destacaram-se três: o 25º, os Tofu-Tofu e o grupo da dança tradicional. Foi uma alegria ver os manos nos canais de televisão.

As nossas viaturas estão uma miséria. Com o desabamento da ponte de Boane em Março, tivemos que utilizar como via alternativa o *drift*, que foi construído no tempo colonial. Os mecânicos não tiveram férias nem descanso nesta quadra festiva. A mecânica está cheia de carros avariados, sobretudo, transportes escolares.

Os mais pequeninos, depois do Natal, saíram acompanhados da Tia Lídia para visitar familiares. No meio da pobreza extrema, da indiferença e dos traumas, sempre no rosto de cada um a alegria em poder voltar às origens e partilhar o que vivem no dia-a-dia desta nossa família. □

CONFERÊNCIA DE PAÇO DE SOUSA

Américo Mendes

«NO MEIO DE VÓS ESTÁ QUEM VÓS NÃO CONHECEIS» (Jo 1, 26) — Estas palavras de São João Baptista que a quadra que acabamos de atravessar nos trouxeram à memória, devem andar sempre no nosso pensamento e na nossa acção ao longo de todo o ano e de toda a vida. Deus anda por aí encarnado de muitas maneiras e nós tantas vezes não O vemos! Já sabemos que, tal como no Presépio, Ele se encarna nos mais pobres e, por isso, os Vicentinos têm por missão e obrigação descobrir-l'Os nestas pessoas que precisam da nossa ajuda. A pobreza, no entanto, é coisa que não é sempre visível, nem tem uma forma só. Com frequência associamo-la à dificuldade de acesso a bens e serviços materiais necessários a uma existência humana digna. É a sua forma mais visível, embora, nos dias que correm, sejam cada vez mais os casos onde esta pobreza se esconde. Mesmo entre os Vicentinos, infelizmente há quem se comporte como se cuidar da pobreza fosse cuidar principalmente da ajuda material a pessoas a quem faltam esses bens e serviços. Infelizmente, mesmo entre os Vicentinos há quem ache que a Conferência não tem muito para fazer se não houver dinheiro, ou outros bens para distribuir. Pensar e agir assim está mal. Para corrigirmos este erro, lembremo-nos sempre das palavras de São João Baptista: «No meio de vós está quem vós não conheceis». Se tivermos olhos para ver e ouvidos para ouvir, de certeza que O vamos encontrar por aí e Ele guiará nossos passos para o que havemos de fazer em ordem a um mundo melhor.

Um Bom Ano de 2013 para os nossos queridos Leitores.

Os nossos contactos:

Conferência de Paço de Sousa, A/C Jornal O Gaiato, 4560-373 Paço de Sousa.
E-mail: carvalho.mendes@sapo.pt — Telem.: 965464058 □

MIRANDA DO CORVO

Alunos do Alternativo

CELEBRAÇÕES DE NATAL E ANO NOVO — Como tem acontecido em anos anteriores, a 24 de Dezembro, pelas 23h00, na nossa Capela, depois da Ceia de Natal, participámos na Missa da Vigília, pela alegria do nascimento do Nosso Salvador, Jesus! A terminar, beijou-se o menino... Aliú.

De seguida, tivemos uma refeição doce e a entrega das prendas a todos. Ficámos muito contentes!

No dia 25, pelas 10.00h, participámos na celebração da Missa do dia, do Natal do Senhor. À mesma hora, houve as celebrações das Eucaristias da Sagrada Família e de Santa Maria, Mãe de Deus.

Foi um tempo de Natal com alegria!

FÉRIAS DO NATAL — Depois do Natal de 2012, aqueles Rapazes que têm parentes para os acolher temporariamente, foram passar alguns dias com eles. A maior parte foi para a Grande Lisboa.

Os outros, que ficaram na nossa Casa, estiveram ocupados e também tiveram recreios.

AGROPECUÁRIA — No final do ano, com o tempo frio, foram podadas as latadas junto à horta e ao pomar. Continuámos a descarolar milho. □

PAÇO DE SOUSA

Alberto («Resende»)

DESPORTO — Como só um pode cantar vitória, desta vez, os nossos rapazes, deixaram fugir a possibilidade de o fazer! Recebemos os Juniores do Rebordosa Atlético Clube e, depois de estarmos a ganhar por 2-0, perdemos 2-3.

Entramos em campo com vontade de ganhar e tudo fizemos, na primeira parte, para que isso fosse uma realidade. Uma primeira parte excelente; uma segunda, assim-assim... Nos primeiros 45 minutos procuramos e jogamos futebol; na segunda, preocupamo-nos mais com os passos que o colega de equipa falhava do que propriamente jogar futebol. Erickson jogou pela primeira vez a defesa central e fez uma primeira parte de luxo, na segunda... é melhor estar calado! Hugo Pina fez 1-0 e André «Espanhol» fez o segundo, entrando com a bola pela baliza dentro.

No final do jogo estivemos a falar com o treinador do Rebordosa que gabou imenso na nossa equipa. «Vocês têm rapazes muito bons, fulano... e fulano, etc.», mas também não deixou de dizer que, na segunda parte, entrou um (...) que, apesar de não jogar mal, é pouco produtivo

para a equipa — são rodriguinhos a mais! Com as alterações que fizemos na segunda metade... temos que, na medida do possível, pôr toda a gente a jogar; todos têm esse direito, independentemente de se ganhar ou perder!

Segundo o mesmo treinador do Rebordosa, homem experiente e conhecedor da matéria, precisávamos de algumas pequenas rectificações... Eles treinam três vezes por semana, e nós... quando os há, nem todos aparecem. O que quer dizer que, afinal, os treinos são necessários e fazem falta. Aos 75 minutos, as «pilhas» de alguns dos nossos atletas, deixaram de ter carga!

Uma semana depois, recebemos a briosa equipa do Atlético Clube Vila Meã, primeira classificada na sua série, da A. F. Porto. Um jogo extremamente difícil, mas não impossível, quando se joga com garra e determinação. Os nossos Rapazes vinham de duas derrotas consecutivas e queriam limpar o nosso bom nome. Não foi fácil! Uma primeira parte bastante boa, mas muito pouco objectiva. Jogo muito enrolado e cheio de truques pessoais. Durante a segunda

parte fizemos algumas alterações que resultaram em pleno.

Hugo Pina, que apesar de não ser grande é enorme dentro do campo, está em todo o lado e desta feita, abriu o activo colocando a nossa equipa à frente do marcador. André «Espanhol» podia ter feito o 2-0, mas não foi feliz na recepção da bola. Ainda na primeira parte, o Vila Meã, de grande penalidade, faz o empate. Logo no começo da segunda metade volta, a marcar e faz 1-2. Aqui, fizeram-se algumas alterações e o jogo começou a ter outra objectividade. Joanhina faz o 2-2 e, já muito perto do fim, Nelson, o «capitão», empurra a equipa para a frente e ele próprio, faz o resultado final, consagrando-se o homem do jogo. Casa do Gaiato 3 — Vila Meã 2.

Depois do jogo, os rapazes de Vila Meã, não queriam acreditar que o resultado tinha tido este desfecho, mas quando os nossos Rapazes jogam o que sabem e não tentam imitar este ou aquele, a história é outra. Para a segunda volta, ficamos convidados a deslocar-nos a Vila Meã.

Alberto («Resende»)

VINDE VER!

Padre Quim

O Menino que guia a Estrela

A veloz trajectória com que se revestem os tempos de hoje, com tudo o que é capaz de arrastar, e a preocupação dos acontecimentos dos nossos dias, são candidatos tendenciosos e altamente perigosos que não permitem manter facilmente a estabilidade e o equilíbrio pessoal que favoreça a integridade salutar própria de todo e qualquer ser humano. O exterior saciado, e por vezes, excessivamente, pelo brilho aparente e ao mesmo tempo traiçoeiro da durabilidade das coisas materiais, provoca um brutal distanciamento do mundo interior. Suporte deste em tempos de decadência e ruína. Se o interior não for o alicerce para o exterior em vão trabalham os que constroem a casa como nos diz o Salmista, ou como as palavras do Evangelho: é como edificar a casa sobre a areia. O seu fim é o desabamento e o escombros assustador. Quando a fonte de luz é o interior, também o exterior irradia beleza harmonia e felicidade, segurança e estabilidade, ante as provações da vida peregrinante, da qual Jesus veio participar, como nos diz a Escritura: *Hóspede e Peregrino no meio de nós!*

O Natal do Senhor está mesmo a chegar à nossa porta; a paz e a justiça, desejando florescer, clamam por um espaço na nossa vida. O Salvador vai entrar e habitar se nela houver a manjedoura que se chama: AMOR. Palavra Encarnada, que no Natal pelo menos é com letra maiúscula que se deve escrever. Verdade ortográfica que só a gramática do Coração pode revelar. Nestes dias, que são os últimos — como nos indica a liturgia dos dias feriais do Tempo do Advento — é bem notável a preocupação para ter tudo pronto

para que nada falte à alegria por tão grande e esperada vinda do Salvador ao Mundo. As famílias correm apressadas, a preparar o habitual. O capitalismo selvagem comanda e o materialismo dispara acertadamente sobre os objectos. «Nada escapa ao seu poder». Compras, e mais compras; é o consumismo que se esconde entre os embrulhos, de uma crise que escava cada vez mais o buraco e que pretende sepultar nele o essencial para viver a festa do Santo Natal com paz e harmonia nas famílias. Os supermercados aliciam o gosto e a corrida ao ter. Pais preocupados com o que agrada aos filhos e estes exigentes nas prendas a receber neste dia. Se o nosso mundo compreendesse que Jesus é a mais bela prenda do Natal, nele não faltarão pão e amor, harmonia, paz e justiça... a nossa família, numerosa como é, procura o melhor para os seus filhos, sobretudo o mais importante: o reacender da chama do amor, da justiça da paz da harmonia, nos corações daqueles que a agressividade da sociedade atirou ao abandono da rua, como vítimas do ódio e da violência. Jesus é o mais importante neste dia, e sempre. O resto é para complementar o essencial. Limpeza, arrumação, arranjos, se tornaram palavras ditas várias vezes ao dia, desde a preparação espiritual, a principal por excelência, à preparação material; secundária, mas necessária como reflexo vindo do interior. Primeiro o coração, bem arrumado preparado e disposto, a seguir a casa com todos os cuidados a ter em conta. Quando está limpa e asseada, a casa é sinal de vida e se torna convidativa para habitar nela. Os chefes tomaram posição

e, decididos, aliaram todos juntos: vamos preparar o Natal do Senhor com muito amor, simplicidade e alegria. Os rapazes colocaram-se à disposição para os trabalhos e de enxada na mão, vassouras, tesouras para nivelar as sebes, da avenida e as do centro do quintal, papéis por cortar e colar, luzes e cores por ensaiar, mensagens em cartazes por afixar, uns e outros partiram para as diversas tarefas, cada qual conforme a inclinação e o jeito que tem. O presépio também já está a ser projetado, para o canto direito do refeitório, ao pé dele a árvore de Natal recheada. Sim a mesa está posta, o banquete está preparado, as prendas estão a chegar às mãos de cada um dos rapazes, não nos falte a alegria e a paz, a fraternidade e a justiça para nos lembrarmos dos Pobres e daquela gente que não tem Natal. E que o Menino Jesus os tenha no seu Grande Coração cheio de amor. Que aos rapazes não falte o amor aos Pobres, nossos companheiros de viagem e do mesmo estilo de vida. Se faltar o amor, não reconheceremos a vinda do Senhor, e o Natal verdadeiro não terá acontecido entre nós. Mesmo que se tenha feito uma grande festa, é simplesmente festa. Pois sem amor nunca será Natal. E o mundo permanecerá na escuridão por escolher as trevas em oposição à Luz da Luz. Não pedimos mais do que aquilo que é possível. Tudo o que se possa fazer só ganha sentido a partir do verdadeiro sentido do Natal. Deus é a fonte! Que dá claridade, a mais intensa claridade que se pode contemplar. Ele fez brilhar sobre todo o universo a estrela que em beleza supera o brilho do sol. A conclusão vem das palavras de São João da Cruz, cuja memória a Igreja Nossa Mãe celebrou há poucos dias: «*bem eu sei a fonte que mana e corre embora seja de noite*». E ainda da salmódia vespertina: *alegra-te minha alma, porque Deus habitou no meio do seu povo*. □

SETÚBAL

Padre Acílio

Filme

ESTÁ a sair em bom ritmo o filme realizado nesta Casa, contendo os aspectos específicos mais relevantes da nossa intimidade, bem como cenas familiares de rara beleza e naturalidade próprias, que não se encontram em mais nenhuma obra com semelhante fim.

Cobrimos já o País desde Bragança a Lagoa, no Algarve, com mais pedidos para o Norte que para o Sul.

É um filme em DVD, capaz de preencher um serão e produzir alegria e conhecimentos a quem o contemplar. O eco deste resultado começa a chegar aos nossos olhos, em cartas de gente maravilhada e surpreendida. A pedagogia do Amor gratuito, não poluído por técnicas pseudo-científicas, manifesta-se soberba e magnífica.

Tintas de Natal

TODOS os dias desta quadra noelista, se pintaram com algumas visitas de amizade e comunhão. Os pequenos e os maiores presentes revelaram-nos o carinho que cada um guarda em seu coração por esta Casa.

Nem todos ficaram registados no papel, mas aos olhos de Deus nem um se perdeu. O livro da vida é infalível. Realço apenas os que me vêm à memória.

D. Gilberto

O Senhor Bispo de Setúbal veio celebrar connosco o 4.º Domingo do Advento e trazer-nos consigo o conforto da sua presença e palavra. É em nome do Bispo e sob o seu mandato que em pobreza, servimos os Pobres. Com Ele vem a figura física do Bom Pastor que se dói das ovelhas mais débeis, se alegra com elas, neste redil onde se acolhem, o qual se transforma na sua própria casa e na sua família.

Demos-lhe a conhecer o número elevadíssimo de famílias da cidade de Setúbal e arredores que esta Casa continua a socorrer com alimentos, farmácia, rendas de casa, pagamento de água, luz e, até, gás, baseada somente naquilo que espontaneamente nos é dado com o apoio simples do Património dos Pobres.

O nosso Bispo trouxe-nos também um presunto, oferta que alguém lhe fizera, suponho eu, e nós retribuimos com um pequeno saco das nossas lindas e saborosas tângeras.

Outras ofertas

A Galp Energia, trouxe-nos 13 cabazes de Natal. Dois não traziam bacalhau, mas, dias após, o hipermercado encarregou-se de os vir entregar.

Não me recordo desta empresa se ter lembrado de nós. Alegrou-nos muito a sua eleição.

O senhor João, nosso vizinho, com vários empreendimentos, não

se esquece nem no Natal nem na Páscoa, dos gaiatos e o seu fardo de bacalhau foi único neste Natal!

Os Runas enchem-nos sempre a arca congeladora industrial com os seus mimos: salgados, doces, peixe, delícias do mar, etc.

A família comprometida com os frangos, deixou de os produzir mas não se esqueceu da promessa. Foi ao hipermercado e comprou, para nos trazer, 100 kg de frango.

D. Luísa

HÁ muitos anos que a D. Luísa se encarrega de recolher meias para oferecer, nesta época, aos gaiatos.

E a verdade é que não gastamos um cêntimo nesta roupa. E se os rapazes estragam!

Ela pede aqui, nesta loja, naquele armazém, pede ali, naquela vizinha e noutra amiga e... lá consegue... O ano passado eu trouxe quatro grandes sacos. Este ano, as coisas estão mais fracas. Algumas fecharam, outros vão encerrar e toda a gente se queixa. Mas ainda o Fabinho carregou três sacos médios de meias e cuecas.

— *Não calcula* — dizia-me — *ele há gente tão pobre, com tantas dificuldades e, mesmo assim teimam comigo — Tome lá D. Luísa, leve prós seus gaiatos!*

Estes poemas sagrados ficam na sombra, ninguém os vê, mas ele há gente muito boa e muito santa! Consola o coração ouvir relatar estes gestos. Anima-nos!

Ténis

TANTO o Jumbo de Setúbal, como a Autoeuropa de Palmela, ofereceram a cada rapaz um par de ténis muito bons. Há vários anos que estas dádivas se repetem. A Autoeuropa fez mesmo uma prendinha para cada um, com vários objectos ou brinquedos de acordo com a idade dos mimosiadados.

Colectas

Os operários da Secil do Outão, apesar das dificuldades, ainda não deixaram morrer o antigo hábito de colherem, entre todos, as suas ofertas, em dinheiro, para trazer à Casa do Gaiato. Rondaram 700 euros. □

Tiragem média d'O GAIATO, por edição, no mês de Dezembro, 42.175 exemplares

PENSAMENTO

Pai Américo

Ninguém merece ser chamado às alturas de Francisco de Assis ou de Isabel de Aragão — tornar-se pobre para melhor saborear a vida deles; mas distribuir bem as fortunas que Deus coloca na mão dos seus possuidores, isso é o mínimo a que ninguém se pode furtar. (...) Não tenhas medo dos tempos, nem dos homens nem das guerras nem das leis: Não digas tu que «as coisas estão feias», como soe fazer a mediocridade que não sabe levantar os olhos do chão. Olha a Beleza Incrriada que não sofre mutação. E confia.

in *Pão dos Pobres*, 1.º Vol.

PÃO DE VIDA

Padre Manuel Mendes

Com calos na mão

EM tempo de esperança, no único Salvador do mundo, alguma chuva persistente deu azo a que urgisse ocupar a malta com um serviço manual, simples e educativo: descarolar milho grão. Quando a instrução escolar se desliga da realidade, é pertinente suprir lacunas, quando é possível, numa linha de formação integral da pessoa humana. A humanidade foi à Lua, mas não pode esquecer a charrua.

Por baixo do celeiro, próximo de rimas de cavacos e do ovil, vários rapazitos foram pegando em toros e fizeram círculos em volta de poceiros. Posto isto, agarraram-se à tarefa, com natural algazarra. Não foi pêra doce retirar das espigas os grãos desse cereal precioso, mesmo dispersando-se alguns deles com os movimentos de gente eléctrica. O moinho eléctrico é que teve uma avaria. Quando eles se ocupam, avariam menos... Ciosos do seu serviço, foram agrupando os carolos debulhados, como sinal visível do serviço recomendado. Como a bucha nunca faltou às horas desejadas e previstas, a

empreitada animou ainda mais.

É salutar que os mais novos saibam por experiência própria e directa as voltas do ciclo do pão. E, assim, cheguem com conhecimento de causa, mais longe até Belém, Casa onde viu a luz o Pão vivo — Jesus! O Luís Miguel, junto ao altar, já nos segredou: — *Também quero comer desse Pão!*... À mesa do refeitório, mesmo quando o pão é fresco, os mais pequeninos adoram molhar os nacos no leite. Transportaram-nos tais evidências, nestes dias de ternura, para a extrema proximidade do nosso Salvador. *Como uma mãe molha o pão no leite para que o filho o possa comer, assim a Virgem recebeu Deus puro e nós recebêmo-l'O Deus humanado.*

O Nandinho é um desses meninos rabinos e não cabe em si de contente por saber que a sua mãe está *gávida*. Ficou entre nós, depois da Ceia, tal como o Victório, entre outros, cujos sons da sua mota vocal se vão ouvindo vastas vezes nos átrios.

É uma tarefa consistente e persistente arrancar os grãos com as mãos, embora faça alguns estra-

gos nos deditos mais tenros, mas sem inspirar cuidados. À hora de desfiar as contas do Terço é que ninguém estancava de mirar as bolhas das mãos, tentando rasgá-las. Uma conclusão é certa e devida: sem calos na mão não pode haver pão.

Este episódio rasteirinho não conseguiu distrair-nos de um problema transversal nesta sociedade: o desemprego crescente. Por estes dias, com o Marão à vista, escutámos um lamento: — *Muita gente já emigrou...* Se com vinhedos e milheirais na moldura da paisagem assim vai acontecendo, que dizer também nas cidades de betão. Valha-nos Deus que o Natal, este ano e sempre, é mesmo verdade. Ora eis outro S.O.S. nesta quadra: — *A mãe do J. Cá, desempregada, não tem onde passar a noite e foi encontrada na rua...* O seu filho já foi levantado da lama e não pode viver sem medicação. Cabisbaixo com tal notícia, não deixou de se agarrar, com unhas e dedos, às espigas douradas, amadurecidas na *terra nova*.

A novidade do Natal é que nos exige justiça a par da caridade. Tais espigas têm dado ocupação e deixado calos na mão. Porém, não se afasta de nós a preocupação de tanto irmão que não tem pão... □

DOCTRINA

Pai Américo



«Ela não tem que me dar de comer»

ESTAVA o «Morris» pronto, eu também e ao pé um pequenino que há pouco trouxera do Porto. Eu ia justamente sair para aquela cidade. Dirigi-me a ele e perguntei-lhe se queria ir comigo, ver a sua mãe. Um passeio, uma tarde de sol e no fim a mãe! Quem poderia resistir? O pequeno Alberto, que assim se chama, fitou-me com olhar meigo sem nada responder. Ele hoje está transformado do que era quando veio; tem mais cor, tem mais sangue, tem mais vida. Tem o que lhe é dado e o que merece. Eu insisti na pergunta e quis saber da boca dele se não gostava da mãe. «Não, mas gosto». A fala não é do Porto, como os leitores estão

vendo. Trouxe-o comigo de lá, sim, mas ele é natural de Resende. Informado por ele mesmo de que gostava da mãe, fingi estranhar que a não quisesse ir ver e faço nova pergunta: foi se a mãe não gostava dele. «Não, mas gosta». Estava agora inteirado dos dois amores: o amor do filho à sua mãe e o desta ao seu filho. Alguma coisa de grande se devia levantar na vontade desta criança para assim o impedir de ir ver a sua mãe. Ele o disse e eu já sabia o que era: «Ela não tem que me dar de comer». Isto foi ao pé do cruzeiro da nossa Aldeia. Estava eu mai-lo Alberto.

NO recreio brincavam uma centena de rapazes. Tomei o meu lugar dentro do carro e segui a caminho do Porto. Não sei porque bulas, encontro naquela tarde a mãe do meu pequeno. É uma mulher ainda nova, esmagada do tempo e dos trabalhos. Ela é mãe de nove filhos e o mais novo deles, que é este que eu tenho, tinha-me dito há pouco, pela sua boca inocente, toda a sua amargura: «Ela não tem que me dar de comer». Apenas me vê, vem ter comigo e começa a fazer perguntas a respeito do seu

filho; ele é o mais pequenino. Foi o filho derradeiro. Quer saber se ele tem perguntado por ela; se ele tem perguntado muitas vezes por ela. Para ser exacto, devia ter-lhe contado a cena que em casa se passara, momentos antes de sair de lá. Mas não; isso seria juntar dor à dor. Temos que ser flexíveis.

Disse-lhe que sim. Que o filho perguntava muitas vezes por ela. Que até nos primeiros dias chorava de saudades. E ela ficou contente.

PRIMEIRO ponto. A acusação dum inocente a um mundo que tem culpas.

Segundo ponto. A necessidade de estudar melhor a maneira de acudir e remediar as famílias pobres na terra da sua naturalidade, impedindo com firmeza e suavidade que elas procurem a miragem das cidades. Este é um caso, mas nós sabemos de muitas centenas deles. Esta mulher fazia uma terra que entregou depois de ficar viúva e vai até ao Porto com os seus filhos, julgando encontrar amparo em duas filhas que ali tinha a servir. Eu não quero dizer aqui aonde e como se encontra instalada. Não vale a pena. Não viria daí nenhum bem para nós. Agora o que eu gostaria é de saber que em todos os concelhos e até freguesias do nosso Continente, houvesse alguém com o poder e o saber de impedir e remediar estes males a bem da Nação.

Do livro *Doutrina*, 2.º vol.

BENGUELA

Padre Manuel António

«Acima de tudo, revesti-vos da caridade»

O novo ano civil está à porta. Estou a escrever-vos na véspera do seu início. Quem dera ouvíssemos, no fundo do nosso coração, esta voz programática: «Acima de tudo, revesti-vos da caridade!» Deste modo, Ano novo, Vida nova! Todos queremos andar na luz. Porém, este desejo do nosso coração não é possível se não submetemos previamente a exame as nossas relações com os outros. Quem anda na luz está em comunhão com os seus semelhantes, sobretudo, com os que mais necessitam de ajuda. É uma riqueza a nossa comunhão com os mais pobres. Estas verdades serão tanto melhor entendidas, quanto mais experimentadas. Recordo as palavras dum benfeitor, ao colocar nas minhas mãos, um donativo que encheu o meu coração de confiança, numa hora de grande aflição: «Quando damos por amor, recebemos cem vezes mais». A experiência é a grande testemunha desta verdade. Outro grande amigo, antes de partir para visitar a família, em Portugal, percebeu as necessidades urgentes da nossa Casa do Gaiato de Benguela. Com a alegria do coração, estampada no rosto, pôe uma ajuda preciosa em nossas mãos. Deste modo, foi possível pagar, de imediato, algumas facturas preocupantes. São testemunhos de que o nervo mais profundo da nossa vida humana está, precisamente, na solidariedade com os demais necessitados. O egoísmo, a indiferença, são as marcas duma vida que não anda na luz, mas nas trevas. Queremos continuar a caminhar, de mãos dadas convosco, ao longo do ano que, agora, começa!

Recebemos, há dias, o pedido para acolhermos mais cinco crianças. Vivem abandonadas, num dos bairros mais populosos da cidade de Benguela. Quem dera possam nascer, de novo, nesta Casa de família! Há, porém, mais pedidos que totalizam o número de doze. O nosso coração tem espaço para todos os filhos abandonados. Esta ambição justa, porém, não pode ser satisfeita, de imediato. Há lugares que ainda estão ocupados por rapazes mais velhos que aguardam o emprego para gozarem a sua autonomia. Outros, em breve, estarão em condições de deixarem a Casa do Gaiato para que os seus lugares sejam ocupados por estes filhos que estão a bater à porta. A nossa vida é duramente marcada por estas ocupações que inquietam profundamente. Quem dera continueis a dar a vossa ajuda, como sinal sensível de que estes filhos têm lugar, também, no vosso coração.

O ano lectivo terminou. A movimentação para o início do novo ano já começou. A escola, sem dúvida, constitui um factor muito importante para o desenvolvimento do ser humano com dignidade. De igual modo, o desenvolvimento da nação passa pela escola. Por isso, uma parte importante do nosso investimento humano e material é consumido pela escola. Não são, apenas, os filhos da Casa do Gaiato a beneficiar deste dom. Há um número grande de filhos que, sem a ajuda da Casa do Gaiato, ficariam no chão. Queremos dar-lhes a mão para caminharem na vida escolar como filhos normais. São dezenas.

Vamos continuar, dentro das nossas possibilidades.

Uma grande calamidade social continua a provocar vítimas inocentes. O abandono dos filhos, por parte dos pais. É uma autêntica violação dos direitos humanos da criança. Tem direito a nascer e a crescer debaixo do olhar, cheio de amor do pai e do carinho da mãe. Acontece, muitas vezes, que é abandonada, sobretudo, pelo pai. Começa, deste modo, a história triste do filho que, frequentemente, vai desembocar na vida duma criança da rua. Quando vou à cidade e passo por centros de muito movimento, os filhos da rua batem à porta do meu coração a pedir acolhimento na Casa do Gaiato. Quem dera houvesse, a nível social, a resposta mais adequada. Estes filhos necessitam de recuperar a estabilidade perdida, a nível familiar. A Casa do Gaiato não pode ser o espaço humano e físico para ajudar a resolver estes problemas. São inquietações que, também, consomem a nossa vida.

O novo ano começa. Mais duma centena e meia de pais e mães, muito pobres e dependentes 100% da nossa Casa do Gaiato vão receber, dentro de poucas horas, a porção das vossas ofertas para poderem viver. Não esqueçamos a voz programática da nossa vida que se faz ouvir no fundo do nosso coração: «Acima de tudo, revesti-vos da Caridade». Está, aqui, a alma da justiça social. Votos dum Ano Novo cheio de Paz, Amor e Esperança! Um beijo para todos dos mais pequeninos da nossa Casa do Gaiato de Benguela! □

PATRIMÓNIO DOS POBRES

Padre Acílio

O Ivanoel, veio pedir autorização de sair mais cedo para a Academia de Dança:

— *É que eu gostava de passar por aquela Pobre, onde fomos levar a cama!*

Fitei-o nos olhos, com admiração. Fiquei intensamente surpreendido, sem me manifestar.

— *Está bem, podes ir.*

Visitar os Pobres faz bem à alma! O Ivanoel irá andar pelos palcos do País, e do mundo inteiro, a receber muitos aplausos em variados ambientes.

Foi com o senhor Mário levar a cama, o colchão e as roupas àquela Pobre abandonada de que falei no último Jornal e não deixou apagar dentro de si o sofrimento e a solidão da sua visitada.

Guardou esta recordação como um tesouro e quer voltar a impressionar-se e a diminuir com o seu carinho aquela horrenda solidão.

Tenho a certeza que sobre a sua cabeça e o seu coração cairá, futuramente e muitas vezes, uma chuva de calorosas ovações. Estas visitas temperar-lhe-ão a alma, para não se deixar atrair e arrastar por aquilo que é vão. A arte e a sua expressão são valores que tantas vezes se perdem num mar de vaidades.

SÃO cinco os antigos gaiatos que se sacrificam, dando dinheiro para o *Património*, de forma mais ou menos regular. Já tenho exaltado, várias vezes, o gozo interior que estas dádivas me trazem, mas não chega, tenho sempre necessidade de o fazer.

Neste Natal, um deles, tirou do seu magro orde-

nado, cem euros, em duas notas de cinquenta, escondeu-os num envelope e entregou-mos com um sorriso cheio de candura: «Tome lá pró Património». Quero revelar-te que foi a melhor prenda que o Menino me trouxe!

Numa manhã de regelar, esperaram horas por mim, sentados no amplo e desabrigado corredor, uma criança, uma jovem e um ancião. Vim depois a saber que eram os netos e o avô.

Traziam uma carta do senhorio a ameaçar de os pôr na rua, naquele dia, se não pagassem a renda da casa. Deviam três meses.

A rapariguinha fez-se porta-voz daquela tragédia, e entre lágrimas irreprimíveis, foi dizendo que enquanto o avô trabalhou na lota, nunca tiveram problemas em responder ao senhorio, mas agora que ele deixou por não poder, não sabem como vai ser.

— *Então ele não tem reforma?* —, atalhei:

— *O avô só tem sessenta anos!*

Olhei o homem. Cara enrugada de pregas fundas e negras, nariz afilado, olheiras cavadas e cabelo grisalho. Transparecia bem a vida dura e o sofrimento suportado. Que havia eu de fazer naquela véspera de Ano Novo?

Socorri-me das tuas ajudas e passei um cheque ao senhorio, que levaram, derretendo-se em agradecimentos e expressões de alívio!

— *Dêem graças a Deus. Foi Ele que me pôs no vosso caminho!*

Sim. Nesta missão tudo começa e acaba n'Ele! □

MALANJE

Padre Rafael

Onde está o Natal?

SÁIRAM da sua cidade em direcção à mais pequena das cidades daquele País. Percorreram todas as ruas em busca de uma pousada. Por fim, Ele decidiu vir em um estábulo e ter por berço uma manjedoura. Então eu percebi que também tenho um longo caminho a percorrer dentro de mim. Sair das minhas seguranças em direcção àquilo que me inquieta em mim mesmo. Percorrer todos os sentimentos em busca de um, Único e Autêntico. Ele somente se mostra onde jamais pensamos encontrá-lo. Quando no desespero nos sentimos amados, é novamente Natal.

Namix foi escolhido como o novo chefe da Casa. Durante dois anos e meio, Hernani ocupou esta difícil e apaixonante tarefa. O Chefe-Maioral é eleito democraticamente por todos os Rapazes que tenham completado 14 anos. Durante o seu mandato encarregar-se-á de tudo quanto respeita à disciplina da Casa, como à sua organização. Em colaboração com o Padre e os restantes chefes, deve procurar melhorar todos os aspectos da Casa, desde os materiais aos espirituais.

Ser Chefe-Maioral converte o Rapaz num exemplo, onde todos os outros se queiram ver reflectidos. Através dele, mostram o seu desejo de colaborar com a Casa.

Ontem, o Governador de Malanje convidou as crianças das diferentes Casas de Acolhimento da cidade a celebrar o Natal todos juntos. Durante um dia, os nossos mais pequenos converteram-se no centro das atenções. Quando os fomos buscar, traziam uma camisa, um boné e um brinquedo. Ao perguntar-lhes do que mais tinham gostado, disseram que da comida: biscoitos, sumo, arroz... Para eles já começou o Natal.

Pouco-a-pouco vão chegando alguns Rapazes que trabalham fora e querem passar as festas de Natal connosco: Boy-Mau, Júlio... É um costume que vem de há muito tempo.

Outros Gaiatos, maiores, virão trazer um saco de arroz e refrescos para a noite de Natal. A Associação dos Antigos Gaiatos de Malanje, que nasceu há um par de anos, também trará seus presentes, que já lhes encomendamos antecipadamente. O que tem ser-se uma Família tão grande!

Entretanto, alguns Rapazes dedicam-se a intensificar os trabalhos; outros preparam a Aldeia para a Festa de Natal: os jardins, as ruas — as decorações e os desenhos sobre o Nascimento feitos pelas suas próprias mãos.

Durante uns dias vamos sonhar, rir, cantar. Há uma festa infantil — que é também para aqueles que se não esqueceram que um dia também foram.

Chegam-nos notícias de que a Irmã Marlene já se encontra em Angola. Assim como eles dizem: *em Casa ninguém falta e os que partiram O celebram no Céu*, o Natal não é dali, nem daqui — o Natal está em ti.

Manuel «Barrigas»

ERA o mês de Novembro do ano de 1963, quando Padre Telmo chegou a Malanje na companhia de dez gaiatos. Entre eles, um rapaz de 14 anos que demorava a adaptar-se à Casa do Gaiato de Paço de Sousa, da qual fugira várias vezes. Era conhecido por Manuel «Barrigas».

Malanje cativou o seu coração e converteu-o num incondicional de Padre Telmo. Foi Chefe-Maioral durante algum tempo. Ele viu nascer esta Aldeia de Malanje na sua mais tenra adolescência e seus dotes de condutor rapidamente o inclinaram para a agricultura. Depois de alguns anos, Padre Telmo concedeu que ele aprendesse mecânica numa das oficinas de Malanje. Assim, Manuel viu realizar-se um dos seus sonhos.

Encontrou na Casa do Gaiato de Malanje o ambiente ideal para se fazer um homem com maiúsculas. Rapidamente se incorporou na vida laboral e demonstrou dotes de trabalhador infatigável. Com a independência de Angola regressou a Portugal. Para o Manuel, como para muitos portugueses, esta terra de África havia conquistado o seu coração. Assim o demonstrou a sua constância e o seu desejo de fundar a Associação dos Antigos Gaiatos de Malanje.

Em 2010 realiza-se o seu sonho de regressar a Malanje a mando de uma empresa para pôr em marcha uma fábrica de plásticos. Em 2011 regressa a Portugal e prepara tudo para, como dizia: «Ajudar o Padre Telmo e o Padre Rafael na Casa do Gaiato de Malanje, onde vivi os anos mais felizes da minha vida». Em 19 de Fevereiro de 2012 chega a Angola, de onde nunca desejou sair.

Rapidamente se adaptou a uma Casa tão complexa e dinâmica como a nossa. Assumiu a responsabilidade pela área da agricultura. A infinidade de dificuldades que qualquer pessoa encontra neste País, tão decaído humanamente, não o fizeram desistir, antes pareciam dar-lhe mais força. Um trabalhador infatigável, um homem constante, um sonhador alegre, amante da verdade...

No dia 25 de Dezembro levamo-lo ao hospital. Segundo os médicos, uma malária cerebral e um ataque de hiperglicemia, fizeram que entrasse em coma do qual não conseguiu despertar. Com imensa dor, partiu para o Céu em 27 de Dezembro, pelas 15 horas. O nosso Manuel «Barrigas» sempre estará connosco. □